

junho/julho 2005

Carta do Presidente

Prezados Membros da BRASA,

A BRASA prepara-se para sua segunda década, estando a organização ativa em diversas frentes. Desde meados de 2004, o Secretariado foi realocado na Universidade de Vanderbilt sob a hábil liderança do nosso Diretor Executivo, Marshall C. Eakin. Sob a liderança de Marshall, expandimos e renovamos nossa página da rede (www.brasa.org), atualizamos nossos arquivos de membros e melhoramos a situação financeira da BRASA. Dando continuidade ao longo tempo de trabalho de Jon Tolman à frente da BRASA-NET, criamos a "BRASA Digest", enviada aos membros todas às segundas-feiras. As mensagens informativas contêm notícias sobre futuros eventos e iniciativas na área de Estudos Brasileiros ao redor do globo. Outra nova iniciativa no setor de publicações é o "BRASAnotes", que se apresenta agora. Este é um novo periódico editado pela nossa incansável membra do Conselho Executivo, Emanuelle Oliveira; BRASA usará esta nova publicação para comunicar-se com seus membros. Esperamos que vocês continuem a enviar itens e notícias para o Digest semanal comandado por Marshall e para a BRASAnotes editado por Emanuelle.

Temos a satisfação de informar que diversos membros da BRASA têm tomado a iniciativa de organizar conferências e seminários a nível local e regional. No dia 16 de abril, o membro do Comitê Executivo Severino Albuquerque organizou o Primeiro Encontro de Brazilianistas do Meio-oeste americano na Universidade de Wisconsin, Madison. Este evento traduziu-se em uma exitosa conferência de um dia, com cinco painéis interdisciplinares e mais de 60 participantes do Meio-oeste e outras regiões. Tive a honra de ser o palestrante convidado e apresentar algumas das novas iniciativas da BRASA. Gostaria de parabenizar Severino pelo sucesso deste evento e encorajar outros Brasileiros a organizar conferências semelhantes. Desde já, podem contar com a BRASA para apoiar e divulgar seu evento através da nossa página da rede e lista de mensagens.

(continued on page 7)



BRASA
Brazilian
Studies
Association

BRASAnotes

Número 1, Volume 1

junho/julho 2005

President

Timothy J. Power (2004-2006)
Florida International University

Vice President (2004-2006)

Kenneth P. Serbin
University of San Diego

Immediate Past President (2002-2004)

James Green
Brown University

Secretariat

Marshall C. Eakin
Executive Director
Vanderbilt University

Cecília Grespan
Secretary

Emily Story
Graduate Assistant

Executive Committee Members

Severino J. Albuquerque
University of Wisconsin, Madison

Steve Butterman
University of Miami

Tânia Franco Carvalhal
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Celso Castro
Fundação Getúlio Vargas

Jerry D'Ávila
University of North Carolina, Charlotte

Christopher Dunn
Tulane University

Maxine Margolis
University of Florida

Emanuelle Oliveira
Vanderbilt University

Cecília Santos
University of San Francisco

William C. Smith
University of Miami

Luiz F. Valente
Brown University

Alternate Members

Edmundo Amann
University of Manchester

Brian Godfrey
Vassar College

Wendy Hunter
University of Texas

João Roberto Martins Filho
Universidade Federal de São Carlos

Raul Reis
California State University, Long Beach

James Green, Kenneth Serbin, Christopher Dunn, Marshall Eakin e Bill Smith
(em cima, da direita para a esquerda)
Maxine Margolis, Jerry D'Ávila e Steve Butterman
(embaixo, da direita para a esquerda)
em reunião do Conselho Executivo na Universidade de Vanderbilt



BRASAnotes

Editor-In-Chief

Emanuelle Oliveira

Please send contributions to
emanuelle.oliveira@vanderbilt.edu

junho/julho 2005

Ten Easy Steps to Organizing a One-Day Regional Brazilian Studies Conference

James N. Green
Brown University

As part of a national initiative to encourage the expansion of Brazilian Studies in the United States, the BRASA Executive Committee has endorsed and encouraged the organization of one-day regional mini-conferences on Brazilian Studies. These can be wonderful opportunities to reach out across disciplines and meet other people working on Brazil in your area. As informal events, scholars, including graduate students, can present their work in progress. Essentially, these one-day events are easy-to-organize, low-cost ways to create an intellectual community in your area with other Brazilianists and have lots of fun at the same time.

Using the Southern California Brazilian Studies Conferences as a model, BRASA Executive Committee member Cecilia Santos of the University of San Francisco recently organized a similar event in Northern California. Likewise, BRASA EC member Severino J. Albuquerque has put together a Midwestern Brazilian Studies Conference at the University of Wisconsin, Madison. Following my own experiences in organizing two of the nine Southern California Brazilian Studies Conferences that have taken place over the last eleven years, let me share some tips on a hassle-free way to organize a successful event. It only requires one person to set a date, reserve a space at their university, get someone to foot the bill for coffee and donuts in the morning, and put out a call for papers. Generally, these events are organized for people in a close enough geographic area so that they can get to the day-long event that morning and get home the same evening. This avoids dealing with housing and lodging costs. If the whole process

takes you more than ten hours over the course of an entire semester, then you'll be overdoing it. The key is simplicity.

Here are **ten** foolproof steps that a Conference Organizer might wish to follow in planning the event at her/his institution. Of course, there is no one recipe, but these ideas can serve as one possible, simple way to organize the Conference.

- (1) Consult some of the key Brazilianists in the region to set a convenient date in the fall or the spring for the one-day Saturday event.
- (2) Gather an e-mail list of the known Brazilianists in your area. The BRASA Secretariat will be glad to send you names and contact information of people in its database that are in your region.
- (3) Send out a simple call for papers, encouraging graduate students and scholars with new works in progress to submit a title and a 50-word abstract. Deadline for submission can be about a month and a half before the one-day event.
- (4) Send out a second reminder to request submissions of papers. (You might have to send a third, last minute request for submissions).
- (5) When the submissions are in you can organize the event in two different ways: (a) the traditional panels by a theme or topic with two or three people presenting their work (20 to 30 minute presentations) followed by audience questions and discussion; or (b) individual presentations with audience comments thereafter. If there are a lot of presentations, you might have two parallel sessions.
- (6) Choose a restaurant nearby, and reserve tables for the estimated number of participants. No need to get university funds for the lunch. People can pay their own way.
- (7) Make a simple announcement of the event with the program and directions to the site and send it to the email list.
- (8) Announce the event on the BRASA list-serve.

junho/julho 2005

(9) During the course of the day, get someone from another institution to agree to host the next event. Make sure to pass on her/him the email list and add on any names of any new people who came to the day's event.

(10) At the end of the one-day conference, come to a general agreement on the time of the year for the next event.

Then sit back, and enjoy seeing old friends, meeting new ones, and learning about other scholars' new and exciting research on Brazil.

James N. Green, Brown University

Destaque BRASA

**Vânia Penha-Lopes
Bloomfield College**

Como é de costume para a maioria dos brasileiros desde os anos 70, Vânia Penha-Lopes cresceu assistindo ao "Fantástico," o clássico programa de domingo da TV Globo. Quando Vânia tinha uns 14 anos, uma matéria lhe chamou muito a atenção: o programa entrevistava Gilberto Freire e Darcy Ribeiro sobre a mistura de raças que caracterizava o Brasil. Embora fosse uma menina negra oriunda de uma família que discutia abertamente o racismo naquele país, Vânia não estava até então cônica de que havia uma disciplina que se dedicava especificamente a estudar as relações raciais. A partir daquele momento, Vânia se decidiu a estudar ciências sociais.

Vânia Penha-Lopes é bacharel em ciências sociais, com concentração em antropologia, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade

Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No seu penúltimo ano no IFCS, Vânia se inscreveu no primeiro concurso nacional de bolsas de estudos para o exterior da Encyclopaedia Britannica do Brasil. Um dos critérios de avaliação do concurso era uma monografia original sobre um tema à escolha do candidato. Interessada na interseção de raça e etnia, Vânia escreveu uma etnografia, "A Irmandade de Santo Elesbão e Santa Ifigênia, ou uma Tentativa de Entendimento da Questão Étnica no Brasil," baseada em trabalho de campo e entrevistas. A escolha daquela irmandade católica, localizada no centro do Rio de Janeiro, deu-se porque, meses antes, Vânia havia ouvido um comentário

que a fascinou: um dos irmãos se dizia "africano" e filiado àquela irmandade por "ter sido fundada por negros afins. Com sua monografia, Vânia foi uma das vencedoras do concurso, o que a possibilitou, após se formar na UFRJ com distinção acadêmica, realizar um sonho de menina: fazer pós-graduação nos EUA.

Sua universidade de escolha foi a Universidade de Nova Iorque (NYU), onde

recebeu a Kriser Fellowship em Antropologia Urbana. Sua tese de mestrado também enfocou a questão da etnia, desta vez com um estudo sobre o processo de mudança do significado simbólico de Israel para a Anti-Defamation League da B'nai B'rith. Em seguida, Vânia se transferiu para o departamento de Sociologia da mesma universidade, onde se aprofundou no estudo dos afro-americanos e na sociologia da família, e obteve o doutorado. Sua tese, "It's a Family Affair: Parenting, Domestic Participation, and Gender among Black



junho/julho 2005

Men," desafia o estereótipo que reza que os negros são incapazes de serem pais ou maridos eficientes e dedicados com uma história de vida de 45 pais negros de vários estados civis e classes sociais. Uma versão preliminar de seu trabalho aparece em "'Make Room for Daddy': Patterns of Family Involvement among Contemporary African-American Men" (pp. 179-199 in *American Families: Issues in Race and Ethnicity*, organizado por Cardell K. Jacobson; Garland Press, 1995).

Ao mesmo tempo, Vânia nunca deixou de pensar na questão racial brasileira e suas conseqüências. Enquanto ainda doutoranda, publicou "'What Next?': On Race and Assimilation in the United States and Brazil" (*Journal of Black Studies*, 26, 6:809-826, 1996), uma comparação do conceito de raça no Brasil e nos EUA, e também "An Unsavory Union: Poverty, Racism, and the Murders of Street Youth in Brazil" (pp. 149-168 in *Globalization and Survival in the Black Diaspora: The New Urban Challenge*, organizado por Charles Green; SUNY Press, 1997), no qual fez uma correlação entre o Massacre da Candelária, em 1993, e a pobreza e o racismo de que sofrem os meninos de rua no Brasil. Na época dessa publicação, Vânia se encontrava na Universidade de Virgínia, onde foi *fellow* do Instituto Carter Woodson de Estudos Africanos e Afro-Americanos durante dois anos.

Em 2002, já professora do Bloomfield College, Vânia foi convidada a participar de um painel da conferência anual da Associação de Sociólogos Negros. Foi preparando o seu trabalho que Vânia se inteirou da grande mudança social que ocorria no Brasil, ou seja, a denúncia do mito da democracia racial e a discussão de implantação de políticas de ação afirmativa. Sob o título "Race South of the Equator: Reexamining the Intersection of Color and Class in Brazil," seu trabalho foi publicado em *Skin Deep: How Race and Complexion Matter in the "Color Blind" Era*, organizado por Cedric Herring, Verna M. Keith, e Hayward

Derrick Horton (pp. 197-223. University of Illinois Press, 2004).

Desde então, Vânia Penha-Lopes está cada vez mais engajada na vida intelectual brasileira. Em 2003, uma palestra de James Green, então presidente da BRASA, inspirou-a se inscrever naquela associação. No ano seguinte, ela assistiu à conferência da BRASA, no Rio de Janeiro, onde conheceu vários intelectuais e ativistas ligados à discussão das ações afirmativas no Brasil e coletou dados sobre o processo de implantação das políticas. De volta aos EUA, ela criou o seminário "Ascensão e Queda da Ação Afirmativa nos EUA," que lecionou para os formandos de Sociologia do Bloomfield College. Em dezembro de 2004, ela se inseriu no debate sobre cotas raciais ao publicar "O Pecado de Thomas Sowell" no jornal carioca *O Globo* (reproduzido na página seguinte), como resposta a uma coluna no mesmo jornal que enaltecia o livro mais recente de Sowell, *Affirmative Action Around the World: An Empirical Study*.

Neste ano, Vânia já participou de dois encontros sobre ação afirmativa: em janeiro, foi debatedora na 1ª Conferência Internacional da Rede de Estudos sobre Ação Afirmativa, patrocinada pela Michigan State University e a IUPERJ, e que se sucedeu na Universidade Cândido Mendes; em março, palestrou sobre as experiências de ações afirmativas no mercado de trabalho americano no seminário internacional Saídas da Escravidão e Políticas Públicas, organizado pela UNESCO em parceria com o governo federal brasileiro. Em abril, ela apresentará um trabalho sobre sua pesquisa no "Brazil Seminar", da Universidade de Colúmbia. Em junho, ela voltará ao Rio de Janeiro para continuar sua pesquisa.

Hoje, cercada pelo mapa da cidade do Rio de Janeiro e por uma bandeira estilizada do Brasil em seu escritório no Bloomfield College, onde é *Associate Professor*, Vânia Penha-Lopes se considera tanto americanista quanto

junho/julho 2005

brasilianista.

Sua nacionalidade, bem como sua formação acadêmica no Brasil quando as ações afirmativas eram inexistentes, permitem-na traçar as mudanças no pensamento social quanto à raça. Simultaneamente, seus muitos anos de vivência nos EUA, primeiro num contexto onde as políticas de ação afirmativa eram abrangentes e, mais recentemente, num contexto onde elas estão sendo ameaçadas, ajudam-na a entender a nova realidade brasileira; afinal de contas, o Brasil freqüentemente se espelha nos EUA nesta fase de mudanças. Vânia Penha-Lopes se vê posicionada para pensar a nova realidade social brasileira tanto como "nativa" quanto como *outsider*.

Texto em Debate

O Pecado de Thomas Sowell

Uma das últimas opiniões de Ali Kamel contra a política de ação afirmativa ("Aos congressistas, uma carta sobre cotas") cita o livro de Thomas Sowell sobre o mesmo assunto como prova de que as cotas não funcionam em nenhum país onde foram adotadas porque tendem a favorecer "apenas os mais afortunados entre os necessitados". O artigo foi publicado justamente em meio à discussão daquele livro no curso Ascensão e Queda da Ação Afirmativa nos EUA, que criei e leciono no Bloomfield College, em Nova Jérsei, EUA. Independentemente de sermos a favor ou contra as cotas, concordo com Kamel que vale a pena ler o livro, prestes a ser publicado no Brasil, mas não pelos mesmos motivos que ele cita.

A parte mais visível da política brasileira de ação afirmativa são as cotas raciais nas universidades. Acostumados a comparações com os EUA, muitos brasileiros erroneamente associam aquela política ao programa americano de ação afirmativa, quando, na verdade, ela é muito mais característica da Índia,

onde foi instituída em 1947 para tratar da exclusão sofrida pelos intocáveis, e da Malásia, onde as cotas favorecem a população nativa. O livro de Sowell fornece uma análise histórica desses programas.

Sowell também alerta sobre a possibilidade de que a nata das minorias se aproveite mais dos programas do que os economicamente mais necessitados. Concordo com Sowell que esse ponto é vedado por não se coletarem dados diferenciando afro-americanos de outros negros, como os imigrantes africanos, 95% dos quais já chegam aos EUA com o segundo grau. Isso os coloca em vantagem, dado que menos de 80% dos afro-americanos têm o mesmo nível educacional e um terço sofre de baixa escolaridade e desemprego crônico, o que os exclui efetivamente da sociedade. Logo, faz sentido Sowell ao propor que o governo invista nos menos favorecidos nos níveis fundamental e médio; tentar incluí-los no nível universitário pode ser tarde demais.

Quando, porém, Sowell argumenta, sem apresentar nenhum dado, que a ação afirmativa cria uma apatia entre os afro-americanos que os impede de se prepararem melhor intelectualmente, seu livro se torna menos "um estudo empírico" e mais um ensaio pouco convincente sobre suas próprias convicções.

A alegação de apatia é questionável quando se considera que, ao contrário da Índia, onde, segundo Sowell, mais de 50% das cotas são reservadas aos intocáveis e outros, nos EUA qualquer política de inclusão de minorias não chega a 30%. Como os negros constituem 12% da população americana e competem por vagas com as mulheres (mais de 50% da população), os hispanos (13%), os asiáticos (4%) e os indígenas (1%), não há vagas suficientes para os negros. Conseqüentemente, as vagas tendem a ser preenchidas pelos negros mais motivados e bem preparados, não pelos apáticos.

Sowell também peca quando alega que as políticas de ação afirmativa ignoram o mérito. Essa preocupação de Sowell e outros oponentes daquelas políticas é irônica tendo em vista que as universidades americanas se baseiam em vários critérios de admissão: cartas de recomendação de professores, atividades extracurriculares e, mais contundentemente, a filiação.

As universidades americanas automaticamente reservam vagas para os

junho/julho 2005

filhos dos que se formaram nelas e dos que contribuem com grandes somas - independentemente do seu rendimento no segundo grau ou de seus pontos no vestibular. Se Sowell é contra qualquer política de grupo, resta saber por que ele não se manifesta contra políticas que favorecem os mais ricos tão veementemente quanto o faz perante as originalmente destinadas aos mais pobres.

Em suma, Sowell contribui para o debate sobre a ação afirmativa e, portanto, merece atenção agora que o Brasil confronta a adoção de tal política. Por outro lado, seu livro não é o tratado definitivo sobre esse assunto. Seus exemplos ilustram mas não determinam o caráter das políticas de cotas. Ainda que se concorde com ele que elas falharam na Ásia, na Nigéria ou nos EUA, isso não quer dizer que o mesmo aconteceria no Brasil.

Vânia Penha-Lopes,
Bloomfield College

Publicado em "O Globo," 20 de dezembro de 2004.

Carta do Presidente (cont.)

O próximo grande acontecimento da BRASA será a Conferência sobre o Futuro dos Estudos Brasileiros nos Estados Unidos (the Conference on the Future of Brazilian Studies in the United States), organizado pelo presidente anterior, James Green. Este evento acontecerá na Universidade de Brown em finais de setembro. O programa da conferência se encontra agora na nossa página da rede. Dando prosseguimento ao nosso encontro em Brown, nós voltaremos nossa atenção para o planejamento imediato do VIII Congresso Internacional da BRASA, que será sediado na Universidade de Vanderbilt em outubro de 2006. Estamos encantados em ter Peter Beattie, Professor Associado de História da Universidade do Estado de Michigan (Michigan State University), como o nosso Diretor do Programa para a BRASA VIII. Esperamos que você se junte a nós em Nashville em aproximadamente 18 meses, e responda a Chamada aos Trabalhos, disponível no verão de 2005.

Em nome do Conselho Executivo da BRASA, gostaria de agradecer pelo seu contínuo apoio à nossa associação. Por favor, não hesite em contatar-nos com sugestões e comentários.

Cordialmente,

Timothy J. Power
(powertj@fiu.edu)
Presidente da BRASA



Peter Beattie (apresentando seu trabalho) e outros panelistas no Primeiro Encontro de Brazilianistas do Meio-Oeste na Universidade de Wisconsin

Estamos coletando informações para um banco de teses e dissertações, a ser publicado semestralmente no nosso BRASAnotes. Favor enviar título e palavras-chave para Emanuelle Oliveira, emanuelle.oliveira@vanderbilt.edu